

190				
				1

346

Oficializada a demissão de Villas Boas da Funai

BRASÍLIA - Uma portaria de duas linhas e meia tirou, ontem, o sertanista Orlando Villas Boas da Fundação Nacional do Índio (Funai), instituição que ele mesmo criou há quase 35 anos. Mais que isso, praticamente encerrou uma carreira de quase meio século dedicada à causa indígena. Ontem, depois de uma reunião com assessores, o presidente da Funai, Frederico Marés Filho, avisou que o caso estava encerrado e não se falava mais no assunto.

Na mesma seção do Diário Oficial que exonerou oficialmente Orlando Villas Boas - a comunicação extra-oficial da demissão já tinha sido feita por fax no dia 25 de janeiro - Marés nomeou para um cargo DAS-3 a socióloga Azelene Inácio, uma índia caingangue, do Sul, região natal do presidente da Funai. Assessores da instituição asseguraram que ela já era funcionária lotada na Coordenadoria de Direitos Indígenas e sua escolha já havia sido feita antes do episódio envolvendo Villas Boas.

O desgaste provocado no

governo pela exoneração de Villas Boas do cargo de assessor da Funai, onde recebia R\$ 1.300, originou uma onda de boatos sobre a demissão de Marés. O fato acentuou-se principalmente na noite de terça-feira, depois que o presidente Fernando Henrique Cardoso ligou para o sertanista se desculpendo pela medida tomada por seu subordinado.

Até poucos dias antes de assumir a presidência da Funai, Marés não conhecia o sertanista. Havia lido alguma coisa sobre sua história mas, mesmo assim, manteve a decisão de tirá-lo o cargo de assessor. Ele também não pretende telefonar para Villas Boas, como fizeram diversas autoridades do governo federal. "Por que tenho de ligar, se meu chefe já ligou?", indaga Marés, referindo-se a Fernando Henrique. Marés justifica que o DAS-2 de R\$ 1.300 que o sertanista tinha era "um empréstimo, um cargo benemérito", até que a pensão vitalícia fosse concedida, o que ocorreu no ano passado. "A pensão era incompatível com outro cargo público", afirmou o presidente da Funai.